

Anais do

39^o **EDEQ**

Encontro de Debates sobre o Ensino de Química

1^o **PROFQUI-SUL**

Encontro do Profqui da Região Sul

Alfabetizar em Química:
os desafios da era moderna.

ISSN: 2318-8316



Eniz Conceição Oliveira
Jane Herber
Miriam Inês Marchi
Nilma Silvânia Izarias
José Claudio Del Pino
(Organizadores)

Anais do 39º Encontro de Debates sobre o Ensino de Química: alfabetizar em Química: os desafios da era moderna e 1º Encontro do Mestrado Profissional em Química da Região Sul

1ª edição



EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2020

**Universidade do Vale do Taquari - Univates****Reitor:** Prof. Me. Ney José Lazzari**Vice-Reitor e Presidente da Fuvates:** Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne**Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação:** Profa. Dra. Maria Madalena Dullius**Pró-Reitora de Ensino:** Profa. Dra. Fernanda Storck Pinheiro**Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional:** Profa. Dra. Júlia Elisabete Barden**Pró-Reitor Administrativo:** Prof. Me. Oto Roberto MoerschbaecherEDITORA
UNIVATES**Editora Univates****Coordenação:** Ana Paula Lisboa Monteiro**Editoração:** Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli**Conselho Editorial da Editora Univates****Titulares**

Alexandre André Feil

André Anjos da Silva

Fernanda Rocha da Trindade

João Miguel Back

Sônia Elisa Marchi Gonzatti

Suplentes

Fernanda Cristina Wiebusch Sindelar

Claudete Rempel

Adriane Pozzobon

Rogério José Schuck

Evandro Franzen

Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

A532

Anais do 39º Encontro de Debates sobre o Ensino de Química: alfabetizar em Química: os desafios da era moderna e 1º Encontro do Mestrado Profissional em Química da Região Sul, 24 a 25 de outubro de 2019, Lajeado, RS / Eniz Conceição Oliveira et al. (Org.) – Lajeado : Editora Univates, 2020.

1163 p. ; il. color.

ISSN: 2318-8316

1. Química. 2. Ensino de química. 3. Anais. I. Oliveira, Eniz Conceição. II. Herber, Jane. III. Marchi, Miriam Inês. IV. Del Pino, Jose Claudio. V. Título.

CDU: 54

Catálogo na publicação (CIP) – Biblioteca Univates
Bibliotecária Andrieli Mara Lanferdini – CRB 10/2279

As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DAS AULAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

*Aline Guterres Ferreira¹ (PG), José Vicente Lima Robaina² (PQ), Marilisa Bialvo Hoffmann³ (PQ), Saul Benhur Schirmer⁴ (PQ).

¹. **alinede@ufpr.br*, ². *jose.robaina@ufrgs.br*, ³. *marilisa.ufrgs@gmail.com*, ⁴. *sschirmer@gmail.com*.

Palavras-Chave: Ciências da Natureza, Ensino de Ciências, Estágio de docência, Educação do Campo.

Área Temática: Formação de professores.

RESUMO: Este artigo traz uma análise da experiência de estágio de docência do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado na Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (EFASerra), no segundo ano do Ensino Médio, que é oferecido concomitante ao Técnico em Agropecuária. No presente trabalho, é descrito o desenvolvimento das aulas na área de conhecimento Ciências da Natureza, Biologia, Química e Física do Ensino Médio, com foco nas aulas de Química e sua contribuição no cotidiano das famílias desses estudantes. Destaca-se também a utilização dos instrumentos pedagógicos que dão legitimidade à Pedagogia da Alternância, regime no qual se desenvolve as aulas na Escola. Assim percebe-se a necessidade de diminuir a fragmentação de conhecimentos nas disciplinas da área de ciências da natureza e desenvolvermos nossos trabalhos na busca de uma educação integral e com o compromisso de formação humana e crítica desses jovens agricultores.

1. Introdução:

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo é desenvolvido em regime de alternância que transcorre entre períodos de tempo e espaço diferentes: o Tempo Universidade (TU) com aulas práticas e teóricas, desenvolvido na Faculdade de Educação e Agronomia, e o Tempo Comunidade (TC) desenvolvido nas Escolas do Campo, onde trabalhamos com projetos com os estudantes, professores e a comunidade em que a escola está inserida. Além disso, durante os estágios de docência está prevista uma parte da carga horária para a realização de ações educadoras em espaços não escolares, sem esquecer que há uma recomendação para que estas atividades estejam preferencialmente relacionadas com o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) dos licenciandos. Este curso de graduação é resultado das demandas dos movimentos sociais do campo para uma educação digna, contextualizada e adequada às realidades históricas, sociais e produtivas da população do campo.

A experiência do estágio de docência nos cursos de Licenciaturas é o momento em que o/a licenciando/a inicia seu processo de transformação de estudante em professor/a e deve ser conduzido de uma maneira gradual para que não se torne traumatizante. Isso perpassa pela escolha da instituição escolar para viver essa experiência. Em uma Escola Família Agrícola (EFA) essa experiência vai além de ministrar aulas, pois consiste também em viver intensamente a história dessa instituição, revisitando sua origem, adaptando a realidade local e analisando o perfil de egresso que queremos formar, diariamente. Assim sendo, trazemos neste artigo a experiência das aulas de Ciências, mais especificamente as aulas de Química na Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha (EFASerra), referente ao estágio de docência II no ensino médio, realizado no segundo semestre de 2018 do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que busca formação por área de conhecimento em ciências da natureza em uma visão contextualizada da realidade histórico-social dos sujeitos.

Para o estágio de docência no ensino médio, foi proposto o cumprimento de uma carga horária de observação das aulas e do cotidiano escolar de 15 horas, sendo 50% nas disciplinas de ciências e 30 horas de regência, distribuídas nas disciplinas da área de conhecimento Ciências da Natureza do Ensino Médio, ou seja, nas disciplinas de Biologia, Química e Física. Entre outras demandas, houve a construção de um projeto de estágio que abrangesse, a partir de um tema comum, a integração das três disciplinas, além do planejamento e aprovação dos planos de aula antes de entrar em regência. Desta maneira, nossa proposta de estágio propunha um diálogo dessas três disciplinas, voltado para a produção animal e vegetal da realidade

dos estudantes, sem subtrair os conteúdos programáticos obrigatórios previstos, porém considerando a constituição histórico-social desses.

2. As Metodologias das Escolas Famílias Agrícolas:

As EFAs são experiências de escolarização comunitária, onde a família é basilar para o desenvolvimento do trabalho educacional. De acordo com a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB), traz a definição e os objetivos das escolas e as características de cada um desses pilares: “Uma EFA é uma Associação de Famílias, Pessoas e Instituições que buscam solucionar a problemática comum da evolução e do desenvolvimento local através de atividades de formação, principalmente dos jovens, sem excluir os adultos”. Os meios e as finalidades destas instituições estão ilustrados na figura 1 a seguir.

Figura 1: pilares da formação da Escola Família Agrícola.



Fonte: Fonte: Puig-Calvó, 2001.

São objetivos das EFAs: “Facilitar os meios e os instrumentos de formação, adequados ao crescimento dos educandos, estes constituindo os principais protagonistas da promoção e do desenvolvimento integral (profissional, intelectual, humano, social, econômico, ecológico, espiritual) e de todo o processo de formação”.

Constituem características das EFAs:

1) Associação: A presença de uma Associação responsável nos diversos aspectos: econômicos, jurídicos, e administrativos, assegurando autonomia filosófica e gerencial. Ou seja, presença efetiva das famílias.

2) Pedagogia da Alternância: Uma metodologia pedagógica específica: a Alternância Integrativa, alternando momentos no ambiente escolar e momentos no ambiente familiar comunitário, organizados em três etapas sucessivas:

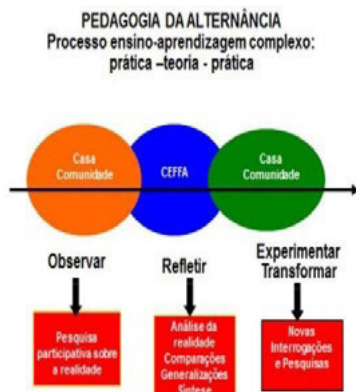
Observar/pesquisar (meio sócio-profissional).

Refletir/aprofundar (meio escolar).

Experimentar/transformar (meio sócio-profissional).

Assim a Pedagogia da Alternância se torna a pedagogia do interesse e do concreto, em que a formação se desenvolve a partir da realidade específica de cada jovem e na troca de experiências com os colegas, famílias, monitores e outros atores envolvidos. Como na figura 2 a seguir.

Figura 2: Pedagogia da Alternância.



Fonte: Puig-Calvo, 2005, p. 29.

3) Formação Integral: Promove a educação e formação integral da pessoa, pois considera o ser como um todo. Além da formação geral e profissional leva em consideração todas as dimensões da pessoa humana, buscando descobrir, valorizar e desenvolver as capacidades de cada jovem, num tratamento personalizado, através do espírito da iniciativa, criatividade, trabalho de grupo, senso de responsabilidade e de solidariedade, ajudando a construir o Projeto de Vida / Profissional junto com a família e o meio em que vive.

4) Desenvolvimento Local: Busca o Desenvolvimento Local Sustentável, através da formação dos jovens, suas famílias e demais atores envolvidos, tendo como enfoque principal o fortalecimento da agricultura familiar e inserção profissional e empreendedora dos jovens no meio rural. O sucesso da Pedagogia da Alternância só acontece se estes quatro pilares são desenvolvidos e aplicados conjuntamente.

A escolha desta escola para a realização do estágio se deu pelo desenvolvimento do seu trabalho por atividades relacionadas à realidade dos estudantes, aliando a teoria à prática, e que busca apresentar alternativas para a permanência dos jovens no campo com qualificação, desenvolvimento do meio e geração de renda. Por ser uma escola comunitária de educação do campo, fundada por uma associação de agricultores e que tem como objetivo promover a formação integral de seus filhos e filhas, e o desenvolvimento do meio onde estão inseridos, além de formar uma consciência coletiva sobre a situação de seu próprio ambiente.

Também oferece uma formação baseada nas capacidades de cada um e estimula o espírito de iniciativa e criatividade, trabalho em equipe, senso de responsabilidade e de solidariedade. A Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha oferece Curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio.

A Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha, nasce a partir do anseio de familiares e de instituições presentes no meio rural que se preocupam com o recorrente êxodo dos jovens do campo, a perda da sucessão familiar e o bem viver no meio rural. Assim partem em busca de experiências que tentam amenizar as consequências do esvaziamento do campo a partir de oportunidades para a juventude e acabam conhecendo a Escola Família Agrícola Santa Cruz do Sul, de acordo com plano de curso da instituição.

Após terem conhecido o projeto piloto no Rio Grande do Sul, a EFASC (Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul), estes mesmos agricultores, que simpatizaram com a ideia, a trouxeram para a Região da Serra Gaúcha. Surgiu assim a AEFASERRA (Associação Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha), a qual é composta por agricultores e jovens do meio rural, que visam mudar essa realidade nos municípios da região através do empenho dos associados juntamente com seus familiares e voluntários, que também lutam, apostam e acreditam nessa forma de educação diferenciada, tendo como base a Pedagogia da Alternância que priorizando a valorização do campo e a sucessão da agricultura familiar. (PLANO DE CURSO, p.03, 2014).

A EFASerra Gaúcha está localizada a 16 km do centro de Caxias do Sul no Estado do Rio Grande do Sul. A comunidade da Terceira Léguas foi na antiguidade a passagem de tropeiros e imigrante para a construção da

cidade e seu principal acesso, hoje asfaltado, é batizada de “Estrada do Imigrante” e ainda resistem algumas construções e casarões desta época. O prédio escolar é um antigo seminário católico localizado na área central da comunidade, vizinho da principal igreja, do salão paroquial e do mercadinho local, próximo a uma escola municipal de ensino fundamental e a inúmeras vinícolas e propriedades familiares. Possui estrutura de alojamento, salas de aulas, laboratórios de ciência e informática, biblioteca e salas administrativas, ainda com área externa de produção vegetal em horta, Mandala, Estufa, Pomar, Videiras e Agrofloresta.

Para além desse contexto estrutural, realizar o estágio docente em uma Escola Família Agrícola é viver o seu sistema de ensino, a Pedagogia da Alternância e seus instrumentos pedagógicos, que validam esse sistema tão inovador. E como fiquei responsável por apenas a turma do segundo ano no estágio, pude realizar a alternância juntamente com os estudantes, onde uma semana eu ministrava as aulas e noutra eu realizava as visitas às suas famílias. O movimento da alternância é o deslocamento entre tempo e espaço que os estudantes vivem no decorrer de sua formação, estando uma semana na escola, a chamada sessão escolar, com aulas teóricas e práticas e a semana seguinte em casa experimentando o aprendizado e alimentando os conteúdos a ser trabalhada nas aulas, a sessão familiar. Como destaca Pessotti:

A alternância consiste em repartir o tempo de formação do jovem em períodos de vivência na escola e na família. Esse ritmo alternado rege toda a estrutura da escola e busca a conciliação entre a escola e a vida. Não permitindo ao jovem desligar-se de sua família e, por conseguinte, do meio rural (PESSOTTI, 1978, p. 37).

Para que os professores realizem seus planejamentos e ações, os educandos devem trazer suas demandas, dúvidas, anseios e ideias nos Planos de Estudos, Cadernos de Acompanhamento e Realidade e demais instrumentos pedagógico, além disso, durante o trabalho ocorre também a visita dos professores em suas propriedades familiares. A legitimação da Pedagogia da Alternância se dá pelo desenvolvimento de seus instrumentos pedagógicos, que deve ser compartilhado com toda comunidade escolar, estudantes, pais e professores, como destaca Costa:

Os instrumentos pedagógicos são as ferramentas que permitem a partilha e a elaboração dos conhecimentos advindos da família/comunidade para a escola, que tem por obrigação a construção de uma reflexão com os estudantes, que retornam essa elaboração para a sua família/comunidade, em muitos casos experimentando esse “novo” conhecimento na propriedade. Os instrumentos pedagógicos quando vivenciados de forma intensa, acabam instrumentalizando os estudantes para uma ação concreta, seja de fórum íntimo/individual ou na construção do seu intelecto e personalidade evidenciados pelas suas práticas sociais na família/comunidade. (COSTA, 2012, p. 170).

Nas aulas da área de ciências da natureza do estágio, tivemos o compromisso de seguir com o planejamento dos professores, cumprindo com o conteúdo programático obrigatório, mas tendo em vista que a proposta era que esse conteúdo estivesse relacionado com a realidade produtiva vegetal e animal desses estudantes, além de sua constituição histórico-social, propusemos a abordagem dos conceitos das ciências, através do cotidiano familiar deles e para isso, nos comprometemos com o desenvolvimento dos instrumentos pedagógicos que permitiam maior proximidade dessa realidade, o Envio do Plano de Estudos ao final da sessão escolar na sexta-feira. Segundo a Cartilha dos Instrumentos Pedagógicos da EFASerra Gaúcha, o Plano de Estudos e o Envio se constituem da seguinte maneira:

O Envio e Plano de Estudos são instrumentos pedagógicos que engloba todas as áreas do conhecimento. É baseada em um tema gerador, que segue uma sequência durante os três anos de formação. O Plano de Estudo é um instrumento que possibilita ao jovem conhecer sua realidade e agir sobre ela. É base para o planejamento das aulas da semana. Também servirá para a construção do PPI. Acontece em dois momentos: na sessão escolar (sexta-feira), quando os estudantes recebem o tema a ser pesquisado no Envio, a partir de questionamentos elaborados junto com os monitores, e na sessão familiar, quando os jovens buscam, juntamente com a família, as informações sobre o tema proposto. (CIPPA EFASerra Gaúcha, p. 04, 2013).

Igualmente importante é a Colocação em Comum, que é o desenvolvimento deste plano na sessão familiar e o seu compartilhamento na segunda-feira pela manhã. Esse momento deve ser assistido por todos os professores, pois ali percebemos por quais caminhos nossas aulas devem permear para sanar as

demandas da realidade dos estudantes, além de decidir quais abordagens poderemos fazer com os conceitos que temos que desenvolver. Para isso, devemos ter bastante clareza e domínio dos conceitos que serão trabalhados com os estudantes. Ainda com a Cartilha da Escola, a Colocação em Comum é definida como.

Um momento de socialização do Plano de Estudos, onde estão presentes os estudantes e os monitores. Serve para que os estudantes possam mostrar sua realidade aos seus colegas e monitores e para que eles também conheçam outras realidades diferentes da sua. Acontece durante a sessão escolar, na segunda-feira. As apresentações podem ser coletivas ou individuais, conforme tema e proposta de atividade. A partir dos debates realizados na Colocação em Comum, os monitores planejam tópicos a respeito do assunto, para suas aulas. Quando os estudantes não realizam o Plano de Estudo ou o trazem em incompleto, o debate torna-se menos rico, o que compromete a qualidade da colocação em comum e do planejamento da semana. (CIPPA EFASerra Gaúcha, 2013, p. 07).

Na segunda-feira pela manhã, após reunião pedagógica, nos dirigimos à Colocação em Comum, onde se fazia a mediação deste momento, acompanhada dos demais professores que anotavam as perspectivas que poderiam dar nas suas aulas a partir da fala dos estudantes. A tarde ocorria a aula de Biologia, onde estavam programados os conteúdos de animais peçonhentos, vertebrados, equinodermos e outros, à noite, mais uma reunião pedagógica para alinharmos nossas aulas e a perspectiva que seriam trabalhados os conteúdos. Nos demais dias, eram ministradas as aulas das outras disciplinas que compunham as ciências da natureza. Na terça pela manhã, era a disciplina de Química no horário oficial, que tinha como conteúdos a serem trabalhados, Cinética e Equilíbrio Químico, reações exotérmicas e endotérmicas e demais. Na quarta à tarde, ocorriam as disciplinas de Física, Solos e Adubação, que decidi desenvolver Ondas e Óptica com os estudantes e outras formas de agricultura. E para finalizar, na sexta, havia o instrumento pedagógico Envio do Plano de Estudo e a disciplina de Produção Vegetal.

3. Análise e Discussão:

Demos início às aulas de Biologia solicitando que os estudantes apresentassem um seminário sobre os acidentes com animais peçonhentos que sofreram ou de conhecidos, as características do animal e receitas caseiras para tratamento. Tivemos momentos de muitos diálogos, pois cada grupo trouxe as experiências que vivenciaram os animais que acometeram e os inúmeros efeitos dos tratamentos caseiros que utilizaram. Pudemos fazer a ligação do conteúdo proposto com uma atividade contextualizada. Essa metodologia foi utilizada por mais vezes nessa disciplina com os mais diversos assuntos de biologia.

A importância de conectar esse conteúdo programático obrigatório com a realidade dos estudantes, parte dos inúmeros casos de acidentes que seus familiares e conhecidos já sofreram, e que acabaram causando a invalidez temporária e até mesmo permanente do trabalho agrícola por um determinado período e até mesmo a morte das vítimas.

Dos 28 relatos em aula, podemos destacar que em 17 vezes, os acidentes foram causados por serpentes ou aracnídeos, muito comum na região Serrana do Estado, por ainda apresentar áreas de preservação permanentes nas propriedades familiares. Os membros corporais que mais foram atacados se resumem em mãos e pés, pelo trabalho manual característico da produção agrícola, a viticultura, produção de uvas e vinhos. Devido o relevo ser acidentado, a utilização de maquinários agrícolas é quase inviável, tornando os agricultores suscetíveis ao ataque de animais peçonhentos. Os preparos caseiros que mais se destacaram, foram à utilização de plantas medicinais cicatrizantes e anti-inflamatórias, como “babosa” e “confrei” e o uso de dentes de alho para a assepsia das picadas. A limpeza dos arredores das parreiras e edificações agrícolas para prevenção de novos acidentes, também foi relatada, bem como o atendimento médico após os acidentes. A identificação dos animais que causaram os acidentes foi relatada, a partir do conhecimento desses no convívio na produção agrícola. Assim, conseguimos construir um registro dos principais animais que causam acidentes na região da Serra Gaúcha e as formas de prevenção e primeiros socorros.

Para a disciplina de Química, e os conceitos que tivemos que desenvolver, tais como Reações exotérmico-endotérmicas, cinética e equilíbrio químico, utilizamos videoaulas onde traziam o conceito deste conteúdo, após a explicação tentávamos encontrar esse conceito no cotidiano dos estudantes, como na fabricação de vinho, vinagres e sucos e, para finalizar, fazíamos a experimentação desses conceitos no laboratório de ciências da escola, utilizando materiais disponíveis no ambiente escolar e que eles pudessem encontrar no seu cotidiano também, tais como, frutas podridas, velas e demais objetos que poderíamos observar a velocidade de reação.

Nas disciplinas de Física e das ciências agrárias, conseguimos trabalhar as questões da agricultura biodinâmica, via estações do ano, posição e eclipse solar, lunar e dos demais astros e suas influências na agricultura e pecuária. Também, tentamos trazer esses conhecimentos de seus ancestrais, questionando quais eram as influências que sentiram no decorrer dos anos de produção e quais as contribuições que eles relacionavam aos astros, assuntos esses trabalhados no conteúdo de óptica. Para desenvolver o conteúdo de Ondas, efetuamos a explicação escrita desse conceito no quadro e após fizemos a experimentação com diferentes tipos de cordas e bacias de água na sala de aula.

Em todas as aulas, os estudantes eram organizados em grupos sorteados e tinham que entregar o material escrito ao término da aula dos assuntos que foram debatidos.

4. Considerações Finais:

Uma Escola Família Agrícola é uma experiência de resistência e oposição ao poder hegemônico e dominador, no que tange aspectos sociais, econômicas e ambientais. Por vezes, não encontramos essas características tão explícitas, mas apenas vivendo essa experiência, podemos encontrar ilhas de resistência, resiliência e ressignificação nesse ambiente, tais como professores que se entregam por inteiro para pensar e construir um futuro mais justo para com os estudantes e seus familiares.

Nessas experiências, entendemos que as ciências da natureza, no âmbito escolar, devem superar a simples compartimentalização em Biologia, Química e Física, compreendendo que a realidade é complexa e por si só, interdisciplinar. A superação dessa divisão já deve iniciar pelos profissionais que fazem parte da equipe e enxergam essa ciência num aspecto mais amplo e não mais agarrado aos conteúdos programáticos obrigatórios tradicionais, que muitas vezes não dão conta de sozinhos, explicar e problematizar a realidade. Para, além disso, devemos ter em mente a formação integral do Técnico em Agropecuária, em que as ciências da natureza devem proporcionar conhecimentos na perspectiva de contribuir para essa formação, não mais agarrada em conceitos isolados, mas sim em contextualizar esses com a produção vegetal e animal da realidade dos estudantes e de sua constituição histórico-social.

Referências:

CIPPA EFASerra Gaúcha. Cartilha dos Instrumentos Pedagógicos da Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha. Caxias do Sul. 2013. 19 p.

COSTA, J. P. R. Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da pedagogia da alternância. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade de Santa Cruz do Sul, 2012.

PLANO DE CURSO EFASERRA. Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha. 2014.

PESSOTTI, A. L.; Escola da Família Agrícola: uma alternativa para o ensino rural. Rio de Janeiro, 1978. 194p. Dissertação (Mestrado). Fundação Getúlio Vargas, IESAE. 1978.

PUIG-CALVÓ, Pedro. Definiciones de alternância. Coloquio na sesión de avaliación de Monitores, UNEFAB, Brasília, 2001. Apostila não publicada.

PUIG-CALVÓ, Pedro. Que orientação profissional é possível promover no ensino fundamental. Revista da Formação por Alternância, Brasília; CEFFA, v.1, n.1,2005.

UNEFAB, União Nacional das Escolas Famílias Agrícola do Brasil. Objetivos e características das Escolas Famílias Agrícolas. Acessado em 10 de maio de 2019 <<http://www.mepes.org.br/nosso-trabalho/efas>>.